



subjetividades na coletividade.

Pensando as docentes como artesãs e suas narrativas como pistas que desvelam *produções curriculares cotidianas e tecem sentidos diversos às histórias contadas* (CAMPOS & REIS, 2019, p.399), entendemos que as *professoras artesãs criam currículos* para além dos documentos norteadores. Como faz uma artesã, professoras tentarão *reunir o que est[ão] fazendo intelectualmente e o que est[ão] experimentando como pessoa* (MILLS, 2009, p. 22) o que torna o trabalho único, artesanal, impregnado de sua identidade e atravessado pela coletânea de suas aprendizagens, se (trans)formando à medida que aperfeiçoam seu ofício usando suas experiências em seu produto artesanal. Tal concepção fica explícita ao pensarmos nas práticas desenvolvidas durante o período pandêmico.

Compartilhamos aqui algumas dessas *práticas artesanias* que pudemos recolher:

Experiência 1- Refletindo sobre os materiais narrativos desenvolvidos pelos estudantes do 8º ano de uma escola particular do Rio de Janeiro sobre o impacto da produção de um diário audiovisual após a leitura do livro *The diary of a young girl*, de Anne Frank, percebemos que assim como Anne Frank usou o diário para contar o que viu, pensou e sentiu, os estudantes puderam também nos contar o que eles estavam experienciando, nos permitindo trabalhar as semelhanças e diferenças das experiências individuais, observando que mesmo distantes em tempo e espaço eles poderiam se aproximar em sua humanidade.

Notamos como as narrativas estão encharcadas de *saberessentires* sobre o que viveram - o medo da morte pelo risco da contaminação pelo coronavírus, solidão causada pelo isolamento, a espera pelos pais e pela janta - nos convidando a refletir juntos sobre o impacto da pandemia a partir de um espaço de diálogo, que nos mostra a pujança da escola como local de acolhimento, de valorização de experiências, de partilha.

Experiência 2- Diante da impossibilidade do contato presencial, uma escola pública na cidade do Rio de Janeiro entendeu a importância da manutenção e do estreitamento dos vínculos da criança com a instituição dentro de sua própria casa, buscando coletivamente investir em ações síncronas e assíncronas que envolvessem as famílias e criassem condições para que as crianças realizassem as atividades rotineiras em casa promovendo espaços de interação e aprendizagem.

O desafio era buscar propostas que atendessem ao interesse das crianças e afirmassem seu protagonismo. Assim, mesmo sem o contato direto com as professoras, o trabalho tornou-se possível pela participação ativa dos familiares através de suas devolutivas.

Experiência 3 - Pensando o espaço escolar a partir das experiências vividas e sentidas no Instituto Nacional de Educação de Surdos - INES, no período de pandemia, percebemos que a experiência fundamental era ecoar a potência linguística desse espaço escola na vida desses sujeitos. Assim, precisamos entender que o/a estudante surdo/a, sem o contato com os pares surdos, sofre um exílio linguístico dentro das suas casas, pois a sua família ouvinte,

muitas vezes, não sabe a língua de sinais, criando uma barreira linguística entre eles. Ressaltamos que a maioria dos estudantes surdos/as do INES, além de estarem isolados fisicamente da sociedade majoritariamente ouvinte, também se encontram isolados linguisticamente nas suas próprias casas.

Nesse esteio, narramos a potência que os encontros síncronos tiveram para os/as estudantes surdos/as no período pandêmico, compartilhando uma vivência que o encontro virtual proporcionou. Logo no primeiro dia de ensino remoto, a câmera nos mostra um estudante vestido de uniforme, demonstrando o pertencimento a este espaço que possibilita dar significado às coisas do mundo. Ele narra seu movimento, contando que acordou cedo, passou o uniforme, organizou a mochila e estava esperando ansioso pelo encontro. Esse encontro nos leva a refletir a importância da escola como espaço relacional e significativo, evidenciado pelo o momento síncrono que favorece a troca linguística entre o/s estudante/s surdo/s e a professora ouvinte usuária de Libras. Portanto, nesses encontros síncronos percebemos a força de uma escola de/com surdos para a promoção de interação linguística e de conhecimento, contribuindo para que o/a surdo/a dê início ao seu processo de compreensão do modo de estar, pertencer, sentir e ser no mundo.

Nossas experiências *nosdoscom* os cotidianos das escolas nos mostram que, assim como o artesão *é livre para aprender com seu trabalho, e para usar e desenvolver suas capacidades e habilidades na execução do mesmo* (MILLS, 2009, p. 59), a professora a todo tempo em seus *saberesfazeres* tecidos cotidianamente redireciona percursos, muda itinerários e tece seu conhecimento e suas práticas curriculares. Suspensos num caminho não trilhado, vimos saberes emergindo do fazer e do (re)fazer na (re)invenção diária provocada pela busca de caminhos possíveis dando vida a produções docentes inéditas, afirmando o papel da escola na formação de uma sociedade plural, democrática e amorosa.

**Palavras-chave:** artesanias narrativas; narrativas; formação de professores; cotidiano; escola

## Referências

CAMPOS, Marina. Autoformação docente contínua cotidiana numa perspectiva emancipatória: artesanias narrativas. Tese (Doutorado). Programa de Pós-Graduação em Educação, da Universidade do Estado do Rio de Janeiro, RJ, 2021.

MILLS, C. W. Sobre o artesanato intelectual e outros ensaios. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed, 2009, p. 21 – 64.

REIS, Graça R F S. Narrativa de experiênciaprática como possibilidade de justiça cognitiva. E-curriculum. São Paulo, v.14, n.4, p.1-26, 2016. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/index.php/curriculum/article/view/29607>

REIS, Graça R F S. Singularsocial. IN: REIS, Graça R F S; OLIVEIRA, Inês B; BARONI,

Patricia. Dicionário de pesquisa narrativa. Ayvu: 2022 (no prelo).

REIS, Graça R F S; CAMPOS, Marina. Materiais narrativos e docência. In: Estudos do cotidiano, currículo e formação docente: questões metodológicas, políticas e epistemológicas. Inês Barbosa de Oliveira, Leonardo Ferreira Peixoto e Maria Luiza Sússekind (Orgs). Curitiba: CRV, 2019, p. 129 - 141.

SAMPAIO, Carmen Sanches; RIBEIRO, Tiago. Pesquisa com os cotidianos e formação docente: artes de fazer com. In: GARCIA, A.; OLIVEIRA, I.B. *Aventuras de conhecimento: utopias vivenciadas nas pesquisas em educação*. Petrópolis: DP et Alii; Faperj, 2014.